

**Universidade:
presente!**

PROGRAD
PROPQ
SEAD

RELINTER
CAF
SAI

XV Salão de
ENSINO

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

CONVOCAMENTO FORMATAÇÃO
Salão UFRGS 2019

Evento	Salão UFRGS 2019: XV SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	A educação das relações etnicorraciais nos anos iniciais do Colégio de Aplicação da UFRGS: fortalecendo a necessidade das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 para a escola contemporânea
Autor	TANISE MULLER RAMOS

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas inseridas em uma proposta de Educação das Relações Etnicorraciais (ERER) no currículo dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação (CAP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), fortalecendo a necessidade das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 para a escola contemporânea. Tendo como foco o ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, respaldado pelas referidas leis, o projeto de ERER nesta instituição vem sendo desenvolvido com o intuito de cotidianizar nas rotinas escolares narrativas e práticas capazes de visibilizar a história e cultura da população negra e dos povos originários enquanto matrizes formadoras da história e cultura brasileira, incorporando a relevância do diálogo intercultural como uma das estratégias principais deste trabalho. Neste sentido, as produções inseridas nos Estudos Culturais em Educação, com destaque para os conceitos de cultura, identidade e currículo escolar, vem contribuindo para a análise e reorganização das práticas pedagógicas desenvolvidas com alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental no CAP, primando pela construção de uma ambiência para a igualdade etnicorracial no espaço escolar, a qual vem propondo a cotidianização de repertórios de história e cultura negra e indígena no currículo. No processo de construção dessa ambiência para a educação das relações etnicorraciais, o foco está na seleção e inclusão de materiais pedagógicos (textos, brinquedos, jogos, livros, dentre outros), além da construção de parcerias entre diferentes setores para garantir a presença de personalidades negras e indígenas no cotidiano escolar ocupando um lugar de protagonismo intelectual e cultural. Foram repensadas também as saídas de campo planejadas para as crianças, optando por promover aos estudantes vivências em espaços de valorização dos elementos de matrizes africanas e indígenas, tais como as visitas das turmas de alunos aos quilombos e às aldeias indígenas situadas na região metropolitana de Porto Alegre. Neste aspecto, destacaram-se os projetos de “intercâmbios interculturais”, cabendo citar como exemplo a experiência em que os alunos passam um dia em uma aldeia guarani situada na região de Porto Alegre e, na sequência, a comunidade indígena é convidada para também passar um dia de vivências no colégio. Para a consecução destas práticas, foi estabelecido também um trabalho interdisciplinar, em que as várias áreas do conhecimento podem convergir nesta direção, como vem acontecendo com os projetos de Iniciação Científica das turmas, em que temas relacionados ao ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena estão proporcionando outros olhares para temas já consagrados pela ciência ocidental, promovendo na escola a inserção de múltiplas lógicas para um mesmo problema de pesquisa, conhecendo e divulgando os modos de ver, sentir, pensar e ser afro-indígenas, o que demonstra também a relevância das ancestralidades afro-ameríndias para a compreensão de nossos avanços tecnológicos e científicos. Outra experiência relevante diz respeito às oficinas pedagógicas desenvolvidas nos Anos Iniciais do CAP, em que são inseridos temas relativos à história e cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo, visibilizando-as enquanto matrizes fundantes da sociedade brasileira. Como metodologia de análise e divulgação deste trabalho, as atividades foram registradas por meio de recursos audiovisuais – filmagens e fotos – focando ainda nas produções orais e gráficas dos alunos, com especial atenção às suas reações e posicionamentos, expressos através de suas falas em debates, em desenhos, em produções textuais, em trabalhos plásticos, em saídas de campo, etc. O que pode ser analisado como conclusões deste trabalho é que as novas legislações educacionais promulgadas nos últimos anos em um cenário nacional de emergência de Ações Afirmativas, atentas à educação das relações etnicorraciais, vem promovendo uma reorganização das práticas pedagógicas, em que a mediação do professor adquire um lugar de relevância, porém em diálogo com ações interdisciplinares e intersetoriais, com a participação dos demais segmentos da comunidade escolar e da sociedade organizada. Combater o preconceito e o racismo e promover a igualdade etnicorracial, assim, começaram a ser pensados para além de um direito social e também como uma questão de ordem pedagógica, fazendo da escola contemporânea um espaço de reconhecimento e de reparação das injustiças historicamente infringidas a alguns segmentos sociais, dentre os quais se inserem as populações negras e indígenas brasileiras. Nessa perspectiva, o trabalho pedagógico rompe com a tendência historicamente arraigada à cultura escolar de promover a visibilidade da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena sob um olhar colonizado, ampliando o diálogo com representantes, lideranças e militâncias pertencentes aos movimentos e ações organizadas pelas populações negras e indígenas da sociedade. Como conclusões deste trabalho, podemos afirmar que as práticas pedagógicas são potentes para a desconstrução do racismo na escola, ao romper com o silenciamento e/ou a invisibilidade das histórias e culturas negras e indígenas no currículo escolar, fortalecendo a proposta de educação das relações etnicorraciais e a necessidade das leis 10.639 e 11.645 para a escola contemporânea. Tais práticas podem ser reconhecidas, ainda, em seu potencial de produzir nos sujeitos a sua identificação em relação às suas ancestralidades africanas e indígenas, para além das europeias, o que tem levado professores, estudantes, familiares e funcionários a posicionarem-se de uma forma antirracista no cotidiano escolar, constituindo posicionamentos de contrapondo a preconceitos e discriminações e rompendo com os paradigmas eurocêntricos historicamente consagrados na escola em direção a novas formas de pensar e agir na escola e na sociedade.

Palavras-chave: Educação das relações etnicorraciais; Anos Iniciais; práticas pedagógicas.